

em ↓ síntese

Um texto de Patrícia Mendes, Jennifer Ramos e Cindy Pereira

O texto que publicámos nestas duas páginas foi escrito pelas alunas Patrícia Mendes, Jennifer Ramos e Cindy Pereira, alunas de 2de B da ACEP, associação para o ensino da língua portuguesa em Paris, mais conhecida por Escola Felton. O texto foi apresentado a um concurso organizado pela ACEP, sobre a Implantação da República. O Concurso estava aberto a todos os alunos, mas participaram essencialmente alunos da ACEP e do Liceu Internacional de Saint Germain-en-Laye, repartidos por três níveis. Os Prémios foram oferecidos pelo Banque BCP e na cerimónia estiveram também presentes o Cônsul Geral de Portugal em Paris, Luís de Almeida Ferraz e o Conselheiro Socialista Embaixador de Portugal, Vítor Gil. Este texto de Patrícia Mendes, Jennifer Ramos e Cindy Pereira recebeu o prémio "Extra Concurso" atribuído pela ACEP. Ao publicar este texto, o LusoJornal - que foi parceiro do concurso da ACEP - felicita as autoras pela ideia que tiveram em lembrar uma das figuras mais importantes do feminismo em Portugal.

Primeiro Centenário da República Portuguesa

Numa Comunidade que praticamente não vota, é bom lembrar que até há cerca de um século atrás, as mulheres não podiam votar em Portugal, mas houve quem se batesse para que esta situação se regularizasse. Num ano em que se comemorou o Centenário da República Portuguesa, também divulgámos nas páginas do LusoJornal uma exposição sobre as Mulheres da Primeira República, que esteve patente ao público em duas agências de Paris da Caixa Geral de Depósitos, em colaboração com a Câmara Municipal de Espinho.



Realizada por três alunas da ACEP de Paris

Entrevista imaginária com Carolina Beatriz Ângelo a primeira mulher a ter votado em Portugal

Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911) foi uma das figuras mais emblemáticas do feminismo e do republicanismo português. Paralelamente à sua profissão de médica, desenvolveu uma intensa atividade associativa. Lutou pela implantação da República e pelo sufrágio feminino. Ficou na história como a primeira mulher a votar em Portugal e também a primeira da Europa dos 12.

Um percurso exemplar!

Pergunta: Dra. Carolina Beatriz Ângelo, bem vinda à nossa emissão semanal! Resposta: Bom dia. Antes de mais, muito obrigada pelo convite. Estou muito feliz por estar hoje aqui.

Pergunta: Para as pessoas que não a conhecem, poderia apresentar-se, falar-nos um pouco de si?

Resposta: Nasci na cidade da Guarda, em 1877. Fiz os meus estudos primários e locais. Depois fui estudar para Lisboa para a Escola Politécnica e Médico-Cirúrgica. Concluí o curso de medicina em 1902. Nesse ano casei-me com o meu primo Januário Barreto, que também era médico e ativista republicano. Optei por me dedicar à especialidade de ginecologia por ser mais útil às mulheres.

Pergunta: Os seus pais aceitaram com facilidade a sua decisão de fazer estudos superiores e de abraçar uma profissão que era exercida praticamente só por homens?

Resposta: Tanto o meu pai como a minha mãe compreenderam que era esta a minha vocação. Nunca os dece-



cionei nos estudos, sempre procurei ter os melhores resultados possíveis. Além disso tive a sorte do meu primo Januário, e depois meu marido, também querer seguir estudos de medicina na mesma altura. Os meus pais sabiam que eu não estava só, nem desamparada. Para eles era importante.

Pergunta: Foi uma aluna brilhante e pioneira na prática das intervenções cirúrgicas. Os seus colegas homens como a viam?

Resposta: Sempre me respeitaram. Nunca me senti menos capaz que um homem. Penso que isso se refletiu em toda a minha carreira como médica mas também na minha vida como cidadã e pessoa.

Pergunta: Para além de médica, também teve um papel muito importante como militante. Quando iniciou a sua militância associativa?

Resposta: Em 1906, aderi, com outras quatro médicas, ao Comité Português de agremiação francesa "La Paix et le Désarmement par les Femmes". No ano seguinte, fui iniciada na Maçonaria, na Loja Humanidade, com o nome simbólico de Lígia. Em 1907 e 1908, juntamente com Adelaide Cabete, Ana de Castro Osório e Maria Veludo, integrei o "Grupo Português de Estudos Feministas". Transítimos depois para a "Liga Republicana das Mulheres Portuguesas".

Pergunta: Ouvimos dizer que bordou a bandeira republicana que foi colocada na varanda da Câmara Municipal de

Lisboa no dia da revolução de 5 de outubro. É verdade? Resposta: Sim, é verdade. A bandeira foi bordada por Adelaide Cabete e por mim. Foi uma honra para nós.

Pergunta: Voltando à questão anterior. Participou também na fundação de outra associação da qual foi Presidente. Como foi?

Resposta: A minha grande amiga Ana de Castro Osório e eu, insatisfeitas com as orientações da "Liga Republicana", fundámos, em maio de 1911, a "Associação de Propaganda Feminista", a primeira organização sufragista portuguesa.

Pergunta: Quais eram os principais objetivos da "Associação de Propaganda Feminista"?

Resposta: Reivindicar direitos e deveres iguais para ambos os sexos. Lutar para que as mulheres tivessem direito de voto. Alertar para a insuficiência das leis da família e do divórcio, principalmente no que respeita à administração dos bens ser confiada ao homem, o que colocava a mulher numa situação dependente. Empenhámo-nos na campanha a favor da aprovação da Lei do Divórcio em Portugal em 1909. Queríamos a igualdade de salários quando a mulher produzisse tanto como o homem. Enfim, lutávamos para que a mulher tivesse uma condição mais respeitada na sociedade.

Pergunta: Nunca pensou em abandonar a sua carreira médica para se dedicar exclusivamente à política?

Resposta: Não, nunca. Sempre tentei conciliar as duas atividades e estas com o meu papel de mulher e mãe. É uma questão de organização embora, de alguma forma me tivesse custado a vida. Vivi de forma muito intensa os meus últimos anos de vida. Mas não me arrependo de forma nenhuma.

Pergunta: Como entendeu a possibilidade de poder votar nas primeiras eleições republicanas?

Resposta: A lei não previa o sufrágio feminino, mas também não o excluía. Dizia que tinha direito de voto todo o cidadão português com mais de 21 anos que soubesse ler e escrever e fosse chefe da família. Ora, como sabe, o masculino, em português, inclui o homem e a mulher, eu tinha mais de 21 anos, tinha estudos superiores, e era chefe de família pois, infelizmente, era viúva, o meu marido morrera em 1910, tinha pois uma filha menor a cargo. Reunia todas as condições. Decidi-me então a explorar a lei, até esgotar todas as possibilidades.

Pergunta: Mas o direito de voto não lhe foi concedido de imediato...

Resposta: Claro que não. Foi uma luta renhida. Poucos acreditavam que eu a pudesse vencer e até se riem nas minhas costas. Comecei por apresentar um requerimento a solicitar a inclusão nos cadernos eleitorais. Negaram-me. Recorri ao tribunal e acabei por obter o direito a recensear-me e a tornar-me eleitora.

Pergunta: Acha que o facto de o juiz ser pai da sua grande amiga Ana de

Castro Osório, ilustre escritora aliás, teve importância? Resposta: Certamente. Mas a verdade é que não havia razões válidas para me excluir. Fez-se apenas justiça.

Pergunta: Sem dúvida. Pode contar-nos como decorreu o dia em que votou?

Resposta: Eu e um grupo de dez senhoras, pertencentes à Associação de Propaganda Feminista, dirigimo-nos para o Clube da Estefânia pelas 10 horas da manhã. (...) Fomos acolhidas e muito cumprimentadas por todos os que ocupavam o enorme salão. No final da primeira chamada o Presidente da Assembleia, Sr. Constande de Oliveira, consultou a mesa sobre se deveria ou não aceitar o meu voto, consulta na verdade extravagante, porquanto, estando recenseada em virtude duma sentença judicial, a mesma não tinha competência para se introduzir no assunto, visto que a lei eleitoral diz no seu artigo 64: "Nenhum cidadão, recenseado e reconhecido como o próprio, poderá ser inibido de votar exceto se aparecer em manifesto estado de embriaguez, etc." Foi contra esta descabida consulta à mesa que se levantaram várias vozes de protesto, entre as quais muito intensamente sobrezebrau a de um cavaleiro que não conhecíamos e que, depois de insistirmos para que nos dissesse o nome, sobemos chamá-lo Joaquim Beja. Todas as sufragistas lhe agradeceram a sua atitude perante a justiça da nossa causa. A mesa compreendeu, enfim, o seu dever e na respetiva altura foi chamada. Nessa ocasião o Pre-

sidente dirigiu-me palavras de elogio e deferência, individualmente inmerecidas, manifestando-se a assembleia estrondosamente com palmas e vivas, ao que eu respondi agradecendo e prometendo participar às sufragistas de todo o mundo civilizado, que ultimamente tanto me têm felicitado, que os mais inteligentes homens portugueses estão connosco compartilhando do mesmo ideal. (1)

Pergunta: O ato histórico que protagonizou foi noticiado por inúmeros jornais nacionais e estrangeiros. Como se sentiu?

Resposta: O que senti só se experimenta uma vez na vida. Foi um momento único! Foi um dia histórico na minha vida e penso que na das mulheres do meu país e não só.

Pergunta: Ficará na história como a pioneira do voto feminino em Portugal. Resposta: Mais importante de tudo, é deixar a mensagem de que está ao nosso alcance construir um mundo mais justo e melhor. Basta que cada um de nós o queira e lute tenazmente para que isso aconteça.

Pergunta: Dra. Beatriz Ângelo, foi um prazer e uma honra conversar com a senhora. Muito obrigada pela sua presença! Resposta: Foi para mim um prazer muito grande estar aqui. Obrigada a todos.

(1) Relato de Carolina Beatriz Ângelo ao jornal A Capital.

Carolina Beatriz Ângelo foi lembrada 100 anos depois pelo Movimento Democrático das Mulheres

No passado dia 28 de maio assinalou-se a passagem do centenário do voto de Carolina Beatriz Ângelo. O Movimento Democrático das Mulheres (MDM) lembrou esse, "que foi um momento histórico ímpar, no percurso de emancipação das mulheres portuguesas".

Num evento organizado pelo MDM no Clube Estefânia, esse ato simbólico da primeira mulher que votou em Portugal foi recordado um dia antes da passagem dos 100 anos em que Carolina Beatriz Ângelo se deslocou às urnas. O MDM evocou assim "a conquista social e política que foi sufragada, perante um grande número de testemunhas que acompanharam o facto". O Movimento lembrou "a expressão luminosa de uma cidadania que ainda hoje não se exerce em plena igualdade. Ainda assim, celebramos o direito das mulheres ao sufrágio, relevando a luta e a persistência de todas e de todas que por ele se bateram, até que fosse consignado pela revolução de Abril". Muitas vezes considerado como episódico, e por isso mesmo pouco significativo, "cremos ter sido antes, o voto

da Presidente da Associação de Propaganda Feminista (APF), um marco inquestionável de que o movimento associativo permite uma projeção a

força, que individualmente é estéril" diz um comunicado do MDM. Carolina Beatriz Ângelo, a 28 de maio de 1911 foi a face visível de tantas

que, unidas em torno de um ideal, alcançam vitória. Se fisicamente só ela avançou quando o Presidente da mesa Constande de Oliveira pronun-

ciou o seu nome, respondendo "Sou eu!", "também de um modo inequívoco consigo caminharam grande parte das mulheres e homens do

nosso país e, ultrapassando fronteiras, internacionalmente, pudemos ser vistas, nós portuguesas, como adiante de muitas nações ditas "civilizadas". Com

Carolina Beatriz Ângelo caminharam também naquela hora histórica, as mulheres sufragistas de todos os cantos do mundo".

Só com o 25 de Abril o sufrágio uni-

ato eleitoral de grande significado para o país "com repercussão insusmagável nas condições de vida das mulheres, o MDM acompanha este sentido da luta pelo voto das republi-

Dois livros para quem quer conhecer melhor Carolina Beatriz Ângelo

Há dois livros publicados sobre Carolina Beatriz Ângelo: "Carolina Beatriz Ângelo: Guarda(dora) da Liberdade (1878-1911)" por Maria Antonieta Garcia, editado pela Câmara Municipal da Guarda em 2009 (Genés da Guarda); "Carolina Beatriz Ângelo: Interseções dos sentidos - palavras, ações e imagens" de António Lopes (et al), editado pelo ICM/ Museu da Guarda em 2010.



Advertisement for 'SuavidadeFlora' restaurant. Text includes: 'La cuisine lusophone d'aujourd'hui', 'Venha jantar no dia 23 de setembro e assistir a mais uma das já célebres Noites de Fado, com Jean-Luc Gonneau, Guadalupe, Nella G, Filipe de Sousa, Pompeu e os seus convidados surpresa.', 'Menu 40€ tudo incluído. Reserve já.', '160 bd de Charonne - 75020 Paris - Tel: 01.44.64.96.96', '36 Avenue de la gare 78310 COIGNIERES', 'Tel. 01.34.61.43.21 Fax. 01.34.61.31.77', 'contact@pro-auto.fr site : www.pro-auto.fr', 'Réparation toutes marques Toutes Compagnie d'assurance'.

Advertisement for 'PRO-AUTO' car services. Text includes: 'PRO-AUTO CARBONIERE FENITRE MURANGE', 'AXIAL', '36 Avenue de la gare 78310 COIGNIERES', 'Tel. 01.34.61.43.21 Fax. 01.34.61.31.77', 'contact@pro-auto.fr site : www.pro-auto.fr', 'Réparation toutes marques Toutes Compagnie d'assurance'.